

SOBRE A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA NA COMPREENSÃO DO SUICÍDIO

Regarding the Phenomenological Approach in Understanding Suicide

Sobre el Enfoque Fenomenológico em la comprensión del suicidio

Recebido: 18/05/2023 | Revisado: 24/06/2023 | Aceito: 03/08/2023 | Publicado: Agosto/2023

Rafaela Laisa Martins Torii
Graduanda em Psicologia
Universidade Federal do Pará
<https://orcid.org/0000-0003-0454-9036>
rafalaisa@gmail.com

Resumo: Ao longo da história muito se tem pesquisado sobre o fenômeno da morte autoprovocada e a compreensão acerca do suicídio tem variado de acordo com a época e cultura nas quais os estudos se inserem. Este texto discorre a problemática da visão hegemônica contemporânea do suicídio em nossa cultura ocidental e de que forma podemos pensá-lo sob o enfoque da abordagem fenomenológica. Considerações críticas são apresentadas quanto ao que espera-se da pessoa com o comportamento suicida ante a sociedade e seu próprio comportamento, e de que modo a sociedade responde a isso, apresentando-se a noção de uma visão fenomenológica e do que temos atualmente como paradigma hegemônico e de suicidologia crítica.

Palavras-chave: suicídio; fenomenologia; suicidologia crítica.

Abstract: The self-inflicted death phenomenon has been throughoutly researched along History and suicide comprehension has been varying according to the time and culture in which such studies are conducted. This text discusses the problem of the hegemonic, contemporary take of suicide in our western culture and in which way we can think suicide under a phenomenological approach. Critical considerations are presented in regards of what is expected from the person with suicidal behavior by society and their own suicidal behavior, also, how society responds to it, presenting the notion of a phenomenological take and of we currently have as hegemonic paradigm and critical suicidology.

Keywords: suicide; phenomenology; critical suicidology.

Resumen: A lo largo de la historia, se ha investigado mucho sobre el fenómeno de la muerte autoinfligida y la comprensión del suicidio ha variado según la época y la cultura en la que se insertan los estudios. Este texto aborda el tema de la visión hegemónica contemporánea del suicidio en nuestra cultura occidental y

cómo podemos pensarlo desde el enfoque fenomenológico. Se presentan consideraciones críticas en cuanto a lo que se espera de la persona con conducta suicida ante la sociedad y su propia conducta, y cómo la sociedad responde ante esto, presentando la noción de una mirada fenomenológica y lo que actualmente tenemos como paradigma hegemónico y de la suicidología crítica.

Palavras chave: suicídio; fenomenología; fenomenología crítica.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) classifica o suicídio como uma pandemia (BOTEGA, 2015), especialmente em meio a adultos jovens. Através dos estudos estatísticos para identificação de dados de prevalência etária, índices por localidade e de meios letais, é possível identificar pessoas de quais gênero, idades, crença, localidade, poder aquisitivo, escolaridade, genética ou histórico médico, estariam mais propensas ao risco de suicídio.

Por ser um fenômeno inerente à humanidade, em qualquer lugar do mundo, a forma de reagir a ele também pode variar de acordo com a cultura e o que seja mais socialmente aceitável para determinado grupo social. Por exemplo: assim como em alguns países o suicídio é considerado crime e a pessoa pode até ser presa por uma tentativa de suicídio, outros permitem formas de morte como eutanásia e suicídio assistido.

A verdade, porém, é que o suicídio é um ato acessível para qualquer pessoa, independentemente de raça, classe social ou crença religiosa, que pode ser realizado inclusive por crianças e para o qual todos os critérios classificatórios listados anteriormente são apenas classificatórios, e nunca de exclusão.

Nas publicações e ações de modo geral muito se fala acerca da multifatorialidade do fenômeno suicida. Muitas publicações, porém – inclusive de autores e organizações relevantes no cenário da saúde e da suicidologia – a partir do segundo parágrafo tentam traçar um perfil de risco para a morte autoprovocada, elencando quais grupos teriam maior ou menor propensão a suicidar, limitando o ato suicida a um conjunto específico de comportamentos, situações ou diagnósticos psiquiátricos.

O único consenso existente entre os suicidologistas é o de que este ato é multideterminado, acontecendo quando um conjunto de fatores ambientais une-se a determinados modos de ser. Não é possível, portanto, traçar um perfil do suicida, como sugerem alguns mitos construídos em torno deste fenômeno. (DUTRA, 2012 p. 153).

Segundo a epoché hursselfiana, que “ensina a ir ao encontro do outro, o mais livre possível de preconceitos e pressupostos [...] nada é neutro. Todos os fenômenos se dão, ou são impedidos de se darem, dentro de contextos históricos e políticos” (CLINI, 2022, p.120), é importante que o manejo da crise suicida, assim como o estudo e compreensão do fenômeno, ocorra de modo aberto ao encontro com o outro, em uma relação que não se baseie em fatores sócio-demográficos e classificações enrijecidas.

Não obstante “se a fenomenologia serviu de inspiração para os psicoterapeutas fundadores, hoje se apresenta distanciada ou apenas implícita na prática clínica” (GOMES; CASTRO, 2010, p. 81) o caráter universal e multifatorial do suicídio requer que as tentativas de estudo e compreensão sobre o tema sejam feitas de forma não apriorística, mas fenomenológica. Não há uma fórmula definida sob a qual compreender o fenômeno suicida.

Oferecer crítica à forma hegemônica como o suicídio é apreendido na contemporaneidade não significa desprezar a totalidade dos estudos realizados ou as técnicas desenvolvidas e empregadas a partir deles, mas ter a consciência de que eles não servem como manual diagnóstico para todas as situações que envolvam a ideação, tentativas ou mortes autoprovocadas. Ora, ainda que eu seja uma ávida crítica da estatística dos 91% (HJELMELAND; KNIZEK, 2017) que coloca os transtornos psiquiátricos como uma das principais causas de suicídio, não significa que eu não seja capaz de reconhecer que alguns suicídios são sim decorrentes em grande medida, ainda que não somente, de transtornos psiquiátricos agravados, por exemplo. Aliás, as estatísticas que resultam em fatores de risco e de proteção podem contribuir como importantes ferramentas na elaboração de políticas públicas de prevenção ao suicídio. O problema com delimitações estigmatizantes disfarçadas de fatores de risco ou de proteção é que, se seguidas como instruções da prática, podem deixar de ver o ser-aí que se apresenta antes que os rótulos e estigmas tenham

sido impostos sobre si.

Portanto, diferentemente da tradição objetivista e técnica que prevalece nas ciências e no mundo ocidental, pensar o suicídio numa perspectiva fenomenológica hermenêutica heideggeriana desvela a possibilidade de se considerar este fenômeno como expressão da angústia e do desamparo humano diante de um mundo que será sempre inóspito para o Dasein na sua condição existência de ser-no-mundo. E esta, certamente, se constitui numa outra possibilidade de pensar o suicídio; não a única ou a mais verdadeira, apenas outra possibilidade, mais condizente com a condição de singularidade e de solicitude que caracterizam o ser humano (DUTRA, 2011, p. 157).

Os altos números de suicídio fazem com que um número muito grande de pessoas tenha conhecido alguém que suicidou, ou que tentou o suicídio, ou que conheça alguém que conhece alguém. No entanto, pouco se fala sobre o assunto e, quando se fala, há dois extremos: a parte da mídia que obedece às recomendações da OMS (2000) sobre como falar sobre suicídio e que, na maior parte das vezes, escolhe não publicar nada a respeito, a menos que seja um caso de grande relevância, ou o lado explícito, que não segue recomendações nem bom senso, expondo suicidas, familiares, locais e métodos, sem o cuidado de referenciar rede de apoio à qual se possa recorrer em casos de crise. Apesar de haver campanhas endossadas por importantes órgãos de saúde e ações publicitárias, como as campanhas do Setembro Amarelo, ou como o serviço realizado pelo Centro de Valorização da Vida - CVV, estas mostram-se ineficazes enquanto medidas reais de prevenção ao suicídio, visto que os números não diminuem, o assunto continua sendo um grande tabu e a ajuda não parece chegar a quem precisa dela. Um exemplo bem prático disto é que quando uma família tem um membro que verbaliza suas ideias suicidas, normalmente ela não sabe o que fazer ou a quem procurar para ajuda.

Considerações Finais

“O método fenomenológico aplica-se à relação entre consciência e experiência [...] sem experiência, não há consciência” (GOMES; CASTRO, 2010, p.85). Logo, na abordagem ao fenômeno suicida é essencial que o ser-aí seja apreciado como uma unidade de consciência, que faz parte de um todo, mas que é em si um todo, e relaciona-se em um contexto histórico, político e social.

Os protocolos instituídos pela atual noção hegemônica de compreensão do suicídio só conseguem levar o acolhimento e prevenção até um certo ponto e os números têm mostrado que este ponto não está muito longe, ou seja, não estão funcionando. Embora a suicidologia crítica tenha avançado nos últimos anos introduzindo novas perspectivas e advogue por uma visão mais abrangente sobre o fenômeno, o que se nota é que o estigma permanece. Muito se fala sobre estar aberto a ajudar, caixas de mensagens diretas em redes sociais são oferecidas, terapias recomendadas, o “falar sobre o assunto” é encorajado, mas via de regra a resposta a isso têm sido intervenções coercitivas, afastamento do suicida do convívio social, familiar, do ambiente de trabalho, destruição de seu modo de vida, interdição, invalidação de seus sentimentos e ideias suicidas como algo que não representa um problema real e que, portanto, pode ser superado.

É preciso conversar sobre o suicídio, e estamos conversando. Mas como, e o que estamos fazendo a respeito?

Referências

BOTEGA, Neury José. Crise suicida: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CLINI, Maíra Mendes. Por uma fenomenologia antropológica brasileira: decolonialidade e clínica. In: TRZAN, Alexandre (org.). Psicologia, fenomenologia e questões decoloniais: Interseções: Volume I. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022. p. 117-154. ISBN 9786588337264

DUTRA, Elza. Pensando o Suicídio sob a Ótica Fenomenológica Hermenêutica: Algumas Considerações.



Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, Goiânia, v. XVII, ed. 2, dezembro 2011.

GOMES, Willian Barbosa; CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 26, ed. especial, p. 81-95, 2010.

HJELMELAND, Heidi; KNIZEK, Birthe L. Suicide and Mental Disorders: A Discourse of Politics, Power, and Vested Interests. Death Studies, [s. l.], v. 41, ed. 8, p. 481-492, 2017.

OMS. Departamento de Saúde Mental Transtornos Mentais e Comportamentais. Prevenção do Suicídio: um manual para profissionais da mídia. Genebra: Oms, 2000.